

Bispos baianos trabalham (quase) em silêncio

No primeiro turno das eleições presidenciais, o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Lucas Moreira Neves, recebeu seis dos nove presidentiáveis que visitaram a Bahia. Covas, Aureliano, Ulysses, Afif, Collor e até o comunista Roberto Freire tiveram a oportunidade de apresentar seus programas e ouvir os conselhos do conservador dom Lucas. Na distante diocese de Juazeiro, a 500 quilômetros de Salvador, às margens do rio São Francisco, o bispo dom José Rodrigues não só recebeu apenas o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, como subiu no palanque do comício e ainda gravou uma participação no programa eleitoral gratuito da Frente Brasil Popular.

"A Igreja, enquanto instituição, não tem candidato e não permite filiação partidária de seus membros. Por isso, não revelo meu voto nem faço perfil do candidato ideal", explica dom Lucas.

"A missão da Igreja também é conscientizar o povo e, neste trabalho educativo, devemos indicar qual a proposta que mais se aproxima da luta dos oprimidos. Enquanto bispo, traço apenas o perfil do candidato ideal. Mas, como cidadão, tenho o direito de dizer que voto no PT", contrapõe dom José.

Se dom José é um caso único de bispo que declara seu voto na Igreja da Bahia, pelo menos em outras oito das 19 dioceses do Estado os bispos trabalharam — e pretendem continuar trabalhando — na surdina, em defesa da proposta que consideram mais afinada com os interesses sociais. Trata-se do trabalho de conscientiza-

ção das Comunidades Eclesiais de Base (Cébs). "Mostramos o passado do candidato, sua atuação na Constituinte e seu programa de governo", conta dom Jaime Mota de Farias, bispo de Alagoinhas, a 115 quilômetros de Salvador.

Mesmo nas dez dioceses onde os bispos desestimulam e até proíbem uma atuação política das

Cébs, os padres, freiras e leigos autorizados pela Igreja encarregam-se do trabalho de conscientização. Na arquidiocese de Salvador, por exemplo, onde dom Lucas traz sob vigilância cerrada os 225 padres e 600 freiras que atuam em 98 paróquias de 15 municípios, há casos de religiosos que até integram as comissões de

bairros do PT. Em pelo menos duas paróquias — Periperi e Cajazeiras — há um acentuado engajamento dos padres e freiras na luta política, embora nenhum deles assumisse isso publicamente.

Em todo o Estado, atuam pouco mais de 500 padres e mais de duas mil freiras. Esse contingente age diretamente junto às Comunidades Eclesiais de Base, seja organizando mutirões para melhorar as condições de vida, seja discutindo os problemas políticos nacionais e locais, principalmente a posse da terra e a miséria. Não há como precisar quantas são as CEBs da Bahia mas, seguramente, há mais de cinco mil núcleos no Estado, abrangendo mais de cem mil pessoas.

Embora o PT tenha sido o maior beneficiado do trabalho político da chamada Igreja progressista, pela afinidade das propostas políticas do partido com a opção preferencial pelos pobres da CNBB, não se pode dizer que todos os grupos católicos seguem sua cartilha. Uma prévia eleitoral realizada no mês passado pela Pastoral da Juventude de Salvador deu Lula em primeiro, com 28,1%, mas Collor de Mello ficou em segundo, com 12,57%, e Afif em terceiro, com 7,71%. Os votos nulos somaram 27,1%.